

O PATRIMÓNIO GEOMORFOLÓGICO E O MACIÇO CALCÁRIO ESTREMENHO

RODRIGUES, Maria Luísa

Centro de Estudos Geográficos, Universidade de Lisboa

O Maciço Calcário Estremenho (MCE) está localizado no centro de Portugal, a cerca de 20km do Oceano Atlântico, sendo formado por compartimentos levantados que atingem altitudes moderadas (max. 680m). Afectado por acidentes tectónicos maiores (dobras, falhas ou acidentes mistos), o padrão das diaclases e outras discontinuidades (incluindo planos de estratificação) é um factor decisivo na interpretação dos processos geomorfológicos, tais como os fenómenos cársicos e a dinâmica das formas de relevo (Rodrigues, 1988 e 1998).

O espesso complexo calcário do Dogger é a formação mais extensa e importante, controlando o desenvolvimento das principais formas cársicas e a evolução das escarpas por desabamentos rochosos. A complexidade das formações do substrato (do Infralias ao Cretácico inf.) tem um papel essencial na distribuição e diversidade dos processos de evolução do relevo, p. ex. nos movimentos de vertente. Para além da sedimentação calcária, outras unidades litológicas são formadas por séries pelítico-evaporíticas, margas argilosas, margas e calcários margosos.

Associado à presença do complexo pelítico-evaporítico o diapirismo desempenha um importante papel no estilo de enrugamento e nos movimentos positivos a ele associados. De acordo com Canérot et al. (1995) e Rodrigues (1998) os diapiros são estruturas anticlinais devidas a compressão submeridiana, onde domina a argilocinese, sendo secundário o papel das formações evaporíticas.

Se a natureza predominantemente calcária das rochas que compõem o MCE contribui para a sua fisionomia particular, ao acentuar a imponência das escarpas e ao condicionar o desenvolvimento de uma morfologia cársica bem característica, o fundamental da arquitectura do Maciço é devido à tectónica. Como bem acentuou Fernandes Martins (1949), as falhas são indiscutivelmente “os objectos tectónicos dominantes na

arquitectura regional e até os que mais contribuem para imprimir grandiosidade e singular cunho no Maciço”.

Os esforços tectónicos são responsáveis pelas unidades morfoestruturais do MCE, compostas por três relevos em estrutura anticlinal: Candeeiros, Aire e Alqueidão; dois planaltos: Stº.António e S.Mamede (incluindo a Plataforma de Fátima); dois alinhamentos de acidentes que definem três depressões tectónicas: Minde, Alvados e Mendiga; um alinhamento diapírico alongado entre Rio Maior e Batalha, que passa na Portela de Vale de Espinho e em Porto de Mós. As observações de campo realizadas, baseadas em dados geomorfológicos e tectónicos, levam-nos a confirmar a existência de compressão neotectónica, com jogo inverso da falha que margina o bordo oriental do alinhamento diapírico.

Estes factores estruturais e litológicos, relacionados com condições particulares de hidrologia e modelado cársicos e com uma morfologia vigorosa (os declives são predominantemente superiores a 20° e nas vertentes mais importantes ultrapassam 30°), explicam a diversidade paisagística associada às diferentes características geomorfológicas que o MCE apresenta.

Já em 1989, no 1º Congresso das Áreas Protegidas, tínhamos chamado a atenção para a necessidade de proteger o património geomorfológico do PNSAC (nomeadamente a Fórnia de Alvados), razão principal da sua própria classificação e existência (Rodrigues, 1989). Noutras ocasiões defendemos um estatuto de protecção para o polje de Minde e para o depósito que o margina a SE, a pincha de Minde (Rodrigues, 1988), o que parcialmente acabou por ocorrer quase 20 anos depois. Igual estatuto deveria ser atribuído à depressão de Alvados, incluindo a respectiva lagoa, o Vale da Barrocascentes do Lena e o canhão do rio Alcaide (a jusante) e o conjunto Vale da Canada-Castelejo (a montante).

Do ponto de vista da preservação do património geomorfológico é preocupante a reactivação das pedreiras na Serra de Aire, uma vez que o resultado desta actividade está à vista de todos na Serra de Candeeiros.